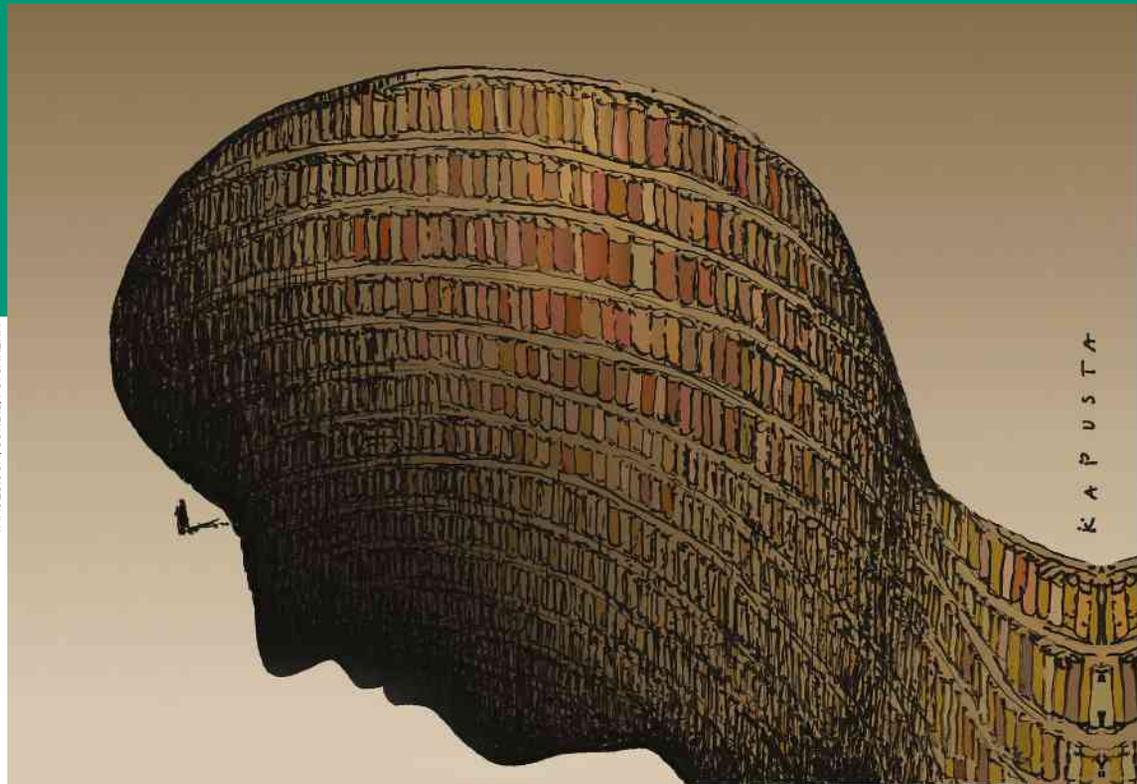


Capítulo 10

IMAGES.COM/CORBIS/FOTARENA



▼ Como o indivíduo da imagem ao lado se relaciona com o mundo ou com o conhecimento? O que é conhecer para ele (ou para o artista)? E para você?

Homem do conhecimento (1857) – Janusz Kapusta.

O conhecimento

Encerrando esta unidade sobre o ser humano e sua relação com o mundo, focalizaremos agora esse aspecto tão caracteristicamente humano – o conhecimento – que concentrou a atenção de boa parte do debate filosófico por muitos séculos.

Você conhecerá uma série de reflexões e distinções sobre esse tema que depois o ajudarão a enveredar pela história da filosofia.

Questões filosóficas

- ▼ O que é conhecimento?
- ▼ De onde se origina fundamentalmente o conhecimento?
- ▼ Como é a relação do sujeito com o objeto do conhecimento?
- ▼ O que podemos conhecer?

Conceitos-chave

conhecimento, representação, verdade, sujeito, objeto, realismo, idealismo, empirismo, racionalismo, apriorismo, dogmatismo, ceticismo, criticismo

GNOSIOLOGIA

A investigação sobre o conhecer



BRITAIN ONVIEW/GETTY IMAGES

Garoto examina cuidadosamente uma dioneia, planta insetívora. A partir da ação que executa, em que estará baseado o conhecimento que pode construir dessa planta?

Gnosiologia é o campo de estudos filosóficos que se dedica à questão do conhecimento. Essa área também é conhecida como **teoria do conhecimento, epistemologia** ou **crítica do conhecimento**. Mas o que é conhecimento? O que queremos dizer quando falamos em conhecimento?

A palavra **conhecimento** pode ter diferentes acepções, conforme o contexto. Anteriormente, fizemos a distinção entre conhecimento em um sentido geral (*lato sensu*) e em um sentido estrito (*stricto sensu*), que é o conhecimento fundamentado e, por isso, supostamente verdadeiro (se necessário, reveja esse trecho do capítulo 4).

Agora, precisamos refinar um pouco mais nossa definição, tendo em vista a investigação deste capítulo. Assim, vamos partir da concepção básica e comum de que conhecimento é a apresentação verídica ou adequada de algo (o **objeto**) ao pensamento (o **sujeito**), mesmo que de forma parcial.

Se, por exemplo, alguém diz “navio” e aparece em minha mente algo que corresponde ao objeto navio, eu tenho um conhecimento, mesmo que vago. Mas, se dizem “navio” e me vem ao espírito algo que não corresponde ao objeto navio (por exemplo, um pato), eu não tenho um conhecimento, isto é, o objeto navio não se apresenta em minha mente de forma verídica (como ele é de verdade) ou adequada.

Isso parece simples, mas não é bem assim. Existem graus distintos de conhecimento e também há

muito engano e ilusão naquilo que uma pessoa pensa conhecer, como apontaram Descartes e Sócrates (conforme vimos nos capítulos 2 e 3, respectivamente), entre outros. Portanto, é preciso ir bem mais “fundo” nesse assunto e tentar entender mais profundamente o **processo de conhecer**.

Foi o que fizeram diversos filósofos, em sua busca incessante por compreender a si mesmos e o mundo à sua volta. Nesse intento, chegaram à conclusão de que era necessário investigar primeiro a própria **faculdade de conhecer** do ser humano, antes de confiar plenamente na percepção e na compreensão que alcançavam das coisas.

■ Questões básicas

Desde a Antiguidade grega, grande parte dos pensadores voltou-se para o problema do conhecimento e das questões básicas que o envolvem, dando origem a diversas gnosiologias ou teorias do conhecimento.

Nesse sentido, podemos dizer que existem tantas teorias do conhecimento quantos foram os filósofos que se preocuparam com o problema, pois é impossível constatar total coincidência de concepções mesmo entre filósofos que habitualmente são classificados em uma mesma escola ou corrente.

Apesar dessa diversidade, podemos dizer que as questões que concentraram a atenção desses teóricos foram principalmente as seguintes:

- **relação sujeito-objeto** – como é a atividade do sujeito do conhecimento em relação ao objeto conhecido;
- **fontes primeiras** – qual é a origem ou o ponto de partida do conhecimento;
- **processo** – como os dados se transformam em ideias, em juízos etc.;
- **possibilidades** – o que podemos conhecer de forma verdadeira.

Cada teoria do conhecimento constitui, portanto, uma reflexão filosófica que procura investigar as origens ou os fundamentos, as possibilidades, a extensão e o valor do conhecimento.

Apesar de constituir uma reflexão antiga, foi somente a partir da Idade Moderna que a gnosiologia passou a ser tratada como uma das disciplinas centrais da filosofia. Nesse processo de valorização, colaboraram de forma decisiva, além de Descartes, os filósofos John Locke e Immanuel Kant, conforme veremos adiante.

Representacionismo

A definição de conhecimento dada anteriormente (apresentação verídica ou adequada de algo ao pensamento) corresponde à interpretação predominante no pensamento moderno, que entende o conhecimento como **representação**.

Isso quer dizer que conhecer seria representar o que é exterior à mente. Seria obter uma “imagem” ou “reprodução” do mundo externo, projetada na consciência. Conhecer um pássaro, por exemplo, consistiria em formar uma representação, uma “imagem adequada” desse pássaro em nossa mente.

Nesse entendimento, a mente constitui uma espécie de “espelho da natureza” – metáfora sugerida pelo filósofo estado-unidense Richard Rorty (1931-2007), um crítico da interpretação representacionista do conhecimento. Assim, para conhecer as coisas como elas realmente são bastaria “polir” metodicamente esse “espelho” (a mente e seus processos), como tentaram fazer a filosofia e a ciência moderna.



COLEÇÃO PARTICULAR

A condição humana (1935) – René Magritte. Na interpretação tradicional – que pertence também ao senso comum –, o conhecimento perfeito é aquele em que a representação é idêntica à realidade, como a imagem de um espelho.

CONEXÕES

1. Interprete a pintura de Magritte. É possível relacioná-la com a concepção do conhecimento como representação? Em sua opinião, as representações podem ser idênticas à realidade? Justifique.

Relação sujeito-objeto

Portanto, de acordo com a visão tradicional e representacionista do conhecimento, há basicamente dois polos no processo de conhecer:

- o **sujeito** conhecedor (nossa consciência, nossa mente); e
- o **objeto** conhecido (a realidade, o mundo, os inúmeros fenômenos).

Dependendo do papel que uma teoria do conhecimento atribui a cada um desses polos, podemos classificá-la como **realista** ou **idealista**. Vejamos cada uma dessas possibilidades.

Realismo

De acordo com as teorias realistas do conhecimento, as percepções que temos dos objetos são **reais**, ou seja, correspondem de fato às características presentes nesses objetos, na realidade. Por exemplo: as formas e cores que o sujeito percebe no pássaro são cores e formas que o pássaro **realmente** possui em si. Observe que a concepção do senso comum é basicamente realista.

Assim, no realismo mais ingênuo (ou menos crítico), o conhecimento ocorre por uma apreensão imediata das características dos objetos, isto é, os objetos mostram-se ao sujeito que os percebe como realmente são, determinando o conhecimento que então se estabelece.

Há, no entanto, outras formas mais críticas de realismo, que problematizam a relação sujeito-objeto, porém mantêm a ideia básica de que **o objeto é determinante** no processo de conhecimento.

Observação

Diversos pensadores contemporâneos questionaram o representacionismo, bem como as visões gnosiológicas que polarizam sujeito-objeto. Esse questionamento deu origem a outras correntes de interpretações sobre o processo de conhecer, como o **pragmatismo** (que veremos adiante) e a **fenomenologia** (que estudaremos no capítulo 17).